



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA
O RITUAL DO CRO: O CRIME SEXUAL CRIPTOJUDAICO

Nilton Bruno Feitosa Santana¹

RESUMO: O ritual do Cro faz parte da religiosidade criptojudáica gestada no mundo ibero-americano, e somente pelo fato de ter a presença de relações sexuais em meio a ritos religiosos, já o colocaria como um costume estranho para a cultura cristã e para os costumes judaicos que se desenvolviam longe da sanha inquisitorial. Para observarmos o ritual do Cro faremos uso do conceito de Capital Erótico, a fim de observar as implicações sociais que tinha dentro da comunidade cristã-nova na Cidade do México. Consiste em elementos que serão utilizados para descobrir como o cristão-novo construía o seu capital erótico usando desse singular ritual. Irá se observar quais elementos denotavam maior importância dentro do grupo social e em que tipo de religiosidade se encaixaria o Cro dentro de categorias das ciências sociais. A moral sexual cristã-nova muito pode revelar-nos sobre o que era considerado crime sexual pelas instituições do mundo ibérico e suas possessões. De igual modo apresentaremos as características e as motivações religiosas do ritual. Como esse ritual nasceu no meio criptojudáico é um dos temas centrais da pesquisa.

Palavras-Chave: Cristão-Novo, Erótico, Cro.

INTRODUÇÃO

Cidade do México, Nova Espanha, Julho de 1646. Dentro dos cárceres inquisitoriais uma cristã-nova clama para sua divindade, almejando a tão esperada salvação:

Señor todo poderoso no permitais que yo y todos los míos muramos, sino concedednos las vidas para que te sirvamos. Libranos destes enemigos crueles, que nos esta perseguiendo para que digamos, ciecales que nos preguntem nada y no nos pergigam sino que nos dexé y porque te prometo que en el ofrecer hetenido gran Consuelo, telo He dicho y por no cansaros no lo digo todo. Solo te digo que luego tape con tierra el agujero adonde hice el sacrificio y lo ofrecí que me sirve de todo y de confersarme en el.² (AGN – México, Inquisición, Vol. 423, exp. 3, f. 523r.)

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Pesquisador do Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas, CNPq/UFS.

² Tradução do autor: “Senhor todo poderoso não permitais que eu e todos os meus morramos, mas sim concede-nos as vidas para que te sirvamos. Livrainos destes inimigos cruéis, que nos estão perseguindo para que digamos, cegaios para que não nos perguntem nada e não nos persigam, mas que nos deixe e porque te prometo que no oferecer há grande consolo, tenho dito e para não cansa-lo não digo tudo. Somente te digo que logo tape com terra o buraco onde fiz o sacrifício e o ofereci que me serve de tudo e de confessarme nele.”



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

A oração inicia-se com uma súplica agonizante pedindo para que ela não morra e os que são identificados como “todos os seus”, podendo remeter tanto a uma família como a uma associação mais extensa. E que livre dos inimigos cruéis que os perseguem.

A suplicante da oração é Leonor Vaez e o processo no qual está inserida revela um dos rituais mais misteriosos da historiografia que trata do mundo do cristão-novo. O ritual é o rito do *Cro* ou como também é conhecido pelo nome de *Sorrocloco*. Um ritual extraordinário para os costumes cristãos e também para a ortodoxia judaica da época. O estranhamento dos inquisidores ao deparar-se com este ritual é bastante comum visto a mentalidade cristã católica da era moderna. E os praticantes do *Cro* sabiam o que ocorreria caso fossem descobertos. Iriam para os cárceres e lá ficariam durante meses ou anos, teriam seus bens confiscados, seriam torturados ou talvez mortos dependendo de como fossem vistos pelas regras do Santo Ofício. Sem contar com a vergonha pública e a exclusão social de serem marcados vitaliciamente como hereges. Uma marca perene que muitas vezes acompanhava até seus filhos e netos como uma ferida hereditária.

O assunto que permeia o ritual do *Cro* permite-nos adentrar em dois campos distintos e mesclá-los em uma única temática: O primeiro seria o já afamado caso dos cristãos-novos, e o segundo da sexualidade. Leva-nos à evidência também de como os inquisidores tratavam os crimes sexuais associados a crimes religiosos. O que era permitido e o que não era permitido revelam muito sobre a inquisição, as sociedades ibéricas e suas colônias, bem como os grupos sociais que viviam nelas, dentre estes temos o criptojudeu.

O caso de Leonor e seu grupo familiar oferece-nos uma oportunidade rara dentro da historiografia, a chance de tratar do assunto cristão-novo, um processo que se torna ímpar e precioso pelas suas inéditas evidências. Dentre estas evidências inéditas, há o fato de o processo ter um ritual onde é associado o criptojudaísmo a uma prática sexual e segundo por essa prática sexual ser bastante distinta.

A vida de Leonor

Leonor Nuñez tida como portuguesa nascera em 1585, na cidade de Madrid, e seus pais eram portugueses. Na época do seu primeiro processo casada com o também português



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Francisco Nieto. Sua mãe, Maria Rodrigues era de origem cristã-nova, e seu pai ao qual se referiu como cristão-velho, era natural da cidade de Guarda e tinha como ofício ser comerciante (WACHTEL, 2002, p.117). A primeira vista o leitor do processo pode concluir que talvez por isso que mesmo tendo nascido em terras espanholas, Leonor fosse a todo instante chamada de portuguesa no processo (AGN, Inquisición, vol. 379, exp. 1). Entretanto, como salienta Josep Barnadas (2004) muitas vezes o termo “português” era usado como sinônimo de “judeu”.

Quando aqueles judeus que se recusaram a ser batizados como cristãos foram expulsos da Espanha em 1492, alguns deles se refugiaram em Portugal, embora mesmo aí não tenham desfrutado de segurança duradoura. Chegaram às colônias de Castela ou diretamente, sob as mais estranhas variedades de camuflagem, ou indiretamente, via Brasil. Em consequência disso, na sociedade colonial da América espanhola os termos “português” e “judeu” chegaram a ser considerados sinônimos. Parece que muitos dos judeus terminaram por integrar-se pacificamente aos colonos e nunca atraíram a atenção, como se pode ver pelo número reduzido de processos movidos contra eles pela Inquisição. (BARNADAS, 2004, P.540)

Podemos inferir que Leonor é chamada de portuguesa durante todo o processo por este adjetivo pátrio ter adquirido um significado diferente na Espanha. Por ocasião da expulsão dos judeus da Espanha, cerca de 100 mil imigraram para o Reino de Portugal (ASSIS, 2012, P.51-52). Este amparo durou pouco tempo dado que D. Manuel, monarca português, tomara semelhante atitude em 1496, pressionado pelos Reis Católicos: Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Colocando a condição de conversão forçada ao catolicismo ou expulsão das terras portuguesas (SILVA, 2012, P.9). Pelo grande número de judeus vivendo em terras portuguesas parece plausível a mudança do significado do termo português em terras espanholas.

Leonor viveu em Madrid até por volta de 1591. Depois disso foi levada para a cidade de Priego na Andaluzia, sul da Espanha, pelos seus dois irmãos Francisco Rodriguez e Antonio Blandon. Lá encontrou vários parentes maternos os quais são identificados no processo pelo nome de “primas”, mas Wachtel (2002, p. 117-118) também ressalta que elas eram as irmãs do seu futuro primeiro marido, Diego Fernández Cardado. Leonor esteve na Andaluzia e lá foi instruída na Lei de Moisés³ por sua mãe e sua avó. A partir de então iniciou uma vida escondida com forte presença de elementos judaizantes com algumas das cerimônias religiosas. Através

³ A expressão “Lei de Moisés” é muito utilizada pelos cristãos-novos condenados para se referir à religião judaica.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

de sua mãe, a pequena Leonor era discretamente iniciada na cultura judaica. Aos olhos da sociedade católica aprendia os costumes de seus antepassados judeus como os jejuns rigorosos.⁴

A endogamia era algo comum entre os cristãos-novos sendo comum até mesmo em terras brasileiras (NOVINSKY, 1992). No caso relatado na Nova Espanha, podemos constatar que na vida de Leonor consegue-se ver isso acontecer quando a sua mãe arranja seu casamento com um de seus parentes, Diego Fernández Cardado, e dessa união nasce Ana Gomez, a partir daí a sua vida começa a ser conturbada. Das suas cunhadas, três são presas pela Inquisição da cidade de Córdoba. Com receio de que tivesse a mesma sorte, Diego Fernandez Cardado reúne toda a sua família, a esposa, a sua sogra, Maria Rodriguez, o cunhado, Antonio Blandon, o pai Francisco Fernández e os seus irmãos Antonio Fernández Cardado e Susana Hernández e se instalam na cidade de Bordéus, no sul da França, local em que praticavam seus rituais judaicos escapando da pressão inquisitorial, e onde também nasceu a segunda filha de Leonor, Isabel Nuñez (WACHTEL, 2002, P. 118-119). Na França também faleceu o pai de Diego Fernández, isto é, o Francisco Fernández. Depois disso, Leonor, sua mãe, suas filhas e seus irmãos se mudam para Saint-Jean-de-Luz. Como as atividades comerciais do grupo ainda estavam centradas na Espanha, em um desses regressos Diego, marido de Leonor, falece em Murcia, em 1609 (WACHTEL, 2002, 119).

Antonio Fernandez Cardado, irmão do falecido Diego, regressa da Nova Espanha com o intuito de levar todo o grupo familiar para a cidade de Madrid. Faz uma viagem a Nova Espanha onde leva o Simon Fernandez que passa a se chamar Pedro Lopez. A mudança de nome por parte dos cristãos-novos levantava muitas suspeitas aos inquisidores, uma vez que no *Manual do Inquisidor* a mudança de nome é vista como um fortíssimo indício de retorno ao judaísmo (EYMERICH, 1993, p. 132), por saberem que os judeus trocavam de nome assim que voltavam para o judaísmo, assumindo o seu antigo nome dentro da comunidade. A troca de nomes era comum dentro das comunidades de cristãos-novos judaizantes e a todo o momento pode-se notar em um mesmo processo personalidades cristãs-novas com dois nomes, um para se mover dentro do mundo cristão e outro para se movimentar dentro do universo criptojudaico (caso estivessem na Península Ibérica e suas colônias) ou judaico (caso estivessem em países onde o judaísmo era permitido).

⁴ AGN, Inquisición, vol. 379, exp. 1, f. 100-101r.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

O núcleo familiar embarcou para a Nova Espanha em 1613 e era composto por Leonor, suas filhas e sua mãe Maria Rodriguez, a qual se casou novamente e contraiu matrimônio com Pedro Lopez, que passou a ser seu segundo marido e a acompanhou até a Nova Espanha. Foram também seu irmão Antonio Blandon e Antonio Fernández Cardado. O irmão mais velho e o pai de Leonor continuaram na Espanha. Na Cidade do México nasceu em 1614 à terceira filha de Leonor que se chamava Maria Gomez e em 1618 nasce Francisco Lopez Blandon. Na Nova Espanha o seu marido Pedro Lopez se ocupou de assuntos comerciais transatlânticos enquanto Antonio Fernandez Cardado e Antonio Blandon distribuíam as mercadorias pelo interior da colônia (WACHTEL, 2002).

Sempre quando chegavam notícias de prisões de seus parentes em Madrid, Leonor Nuñez e suas filhas refugiavam-se em alguma casa escondida para se ocultarem durante algumas semanas. Sabemos que durante esse tempo quem a financiava era Justa Mendez, conhecida como uma líder de seu seio familiar (WACHTEL, 2002, p.130). A prisão de Leonor aconteceu em 1634, mas antes disso já havia ocorrido a prisão de inúmeros parentes como Isabel Lopez Cardado, dos irmãos Balthazar e Marcos del Valle, Violante Mendez, Ana Gomez Botelho e, por fim, Antonio Fernandez Cardado. Todos presos no mesmo ano e do mesmo grupo familiar. Na prisão, Leonor Nuñez segue a estratégia de confessar sua culpa, mostrar-se arrependida e denunciar alguns parentes. Inicialmente denuncia com crimes mais graves pessoas que já faleceram e que estão fora do alcance da Santa Inquisição. Uma conduta que era comumente seguida pelos réus da Santa Inquisição. E tendo concluído que os inquisidores jamais deixariam Leonor escapar sem citar suas filhas, Tomás recomendou a Leonor que as denunciasses (WACHTEL, 2002, p.131).

Durante as confissões, Leonor excluiu os que já tinham sido condenados pelo Santo Ofício, porque então seriam considerados como relapsos e sofreriam penas mais graves como ser “relaxado” ao braço secular e ir para fogueira. Ao final do processo em 1635 todos os judaizantes do grupo foram reconciliados. Maria Gomez e Isabel Nuñez tiveram que deixar o sambenito logo após a abjuração. Antônio Fernandez Cardado recebeu a pena mais severa sendo condenado a percorrer as ruas da Cidade do México montado numa mula usando a opa da infâmia, recebendo duzentas chibatadas e depois disso cumprir cinco anos nas galés. Antônio Cardado havia sido usado estrategicamente como bode expiatório por Tomas Treviño de Sobremonte. A prioridade era proteger Leonor, e alguém necessitava receber o peso de ser o



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

heresiarca e o líder das cerimônias judaicas. O restante do grupo apenas recebeu a pena da prisão temporária, inclusive Leonor. Com relação aos defuntos que receberam as denúncias mais graves, foram queimados em efígies no auto-de-fé de 1635 e dentre eles encontrava-se a mãe de Leonor, Maria Rodriguez, o irmão Antonio Blandon, o primeiro marido Pedro Lopez e a cunhada Ana Fernandez (WACHTEL, 2002, p.136-7).

O espião da Inquisição

Descendo para o frio e crueldade das prisões inquisitoriais, encontramos os sussurros ditos pelos réus. É aqui que finalmente chegaremos a falar na principal fonte que esse trabalho utiliza. As confissões de Gaspar de Alfar, que serviram durante todo o momento em que aparece no processo como um espião a mando dos inquisidores para anotar tudo aquilo que os denunciados do grupo familiar de Leonor diziam nos cárceres do Santo Ofício. Assim, passamos a ter acesso aos mesmos indícios que tinham os inquisidores, ao mesmo tipo de material que tinham para julgar o caso desse núcleo familiar.⁵

A vida dentro dos cárceres da Inquisição podia ter limitações. No entanto, os réus encontravam maneiras distintas para se comunicarem não somente entre si, mas com o mundo exterior. Os recursos que estes utilizavam para se comunicarem com o mundo exterior são muito bem citados pela historiadora mexicana Solange Alberro (1988), ao demonstrar que os réus conseguiam se comunicar com o mundo fora dos cárceres por meio de escravos que serviam como criados domésticos ou de carcereiros comprados. Por mais que a Inquisição tentasse coibir as comunicações dentro dos cárceres, lhe era impossível atingir esse objetivo por uma série de fatores como o a grande quantidade de prisões, estruturas precárias e um número deficiente de funcionários para vigiar os presos. A realidade dos cárceres não fazia justiça à riqueza da Inquisição e os seus funcionários nem sempre cumpriam os regimentos da instituição (SILVA, 2001). Portanto, era comum nos cárceres a circulação de correspondências entre os presos e seus familiares, algumas vezes inclusive com a ajuda dos próprios carcereiros (IBIDEM). Em outras ocasiões, os carcereiros atraindo os réus e faziam confissões acerca de suas atitudes, os inquisidores sabiam desse duplo jogo que faziam os seus carcereiros, mas

⁵ A principal fonte testemunhal desse trabalho encontra-se no endereço da AGN, Inquisición, Vol. 423, exp. 3, *Dez cadernos de comunicações de prisão*.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

em geral toleravam visto a grande necessidade de obter informações. E muitas vezes até mesmo os escravos falavam das heresias cometidas pelos seus donos.

Porém, a maneira mais eficiente de obter informações era por meio dos espões que eram colocados dentro dos cárceres inquisitoriais. E aqui é que começamos a entender o papel de Gaspar de Alfar na trama inquisitorial. Alfar havia sido encarcerado em 1640 como vigarista por ter se passado por padre. Revelou o talento de ser um arguto espão, e os inquisidores souberam fazer bom proveito das suas ações, infiltrando-o nos cárceres onde suas confissões seriam mais valiosas. Transcrevendo inúmeras folhas de papel enumeradas, através da tinta e da pena selava o destino dos infelizes que conversavam nas prisões, trocando segredos, discutindo estratégias para escapar das garras inquisitoriais, lembrando-se de rituais heréticos, expondo a malha de parentesco dos penitenciados fornecendo assim, maior número de denunciados para que o Santo Ofício pudesse estender os seus domínios mais infelizes réus.

Entretanto, os réus não eram completos incautos e pensavam na possibilidade de estarem sendo espionados, ou que pudessem de alguma forma ser delatados por algum guarda. Nesse sentido desenvolviam estratégias para que pudessem se comunicar minimizando os riscos de serem ouvidos. No processo estudado nessa pesquisa os réus escolhiam as horas noturnas ou da madrugada para se comunicarem, ou então conversavam por sinais sonoros, sussurrando, murmurando ou então passando suas mensagens em meio a cânticos. O principal nome designado para descrever o ritual analisado nesse trabalho é também uma forma de utilizar uma alcunha para evitar a identificação de uma heresia, a palavra *Cro*. Dentro das masmorras da Santa Inquisição se desenvolviam-se estratégias, murmúrios ressoavam, pancadas, alcunhas, falar em outras línguas, tudo isso era usado de maneira que servisse de comunicação entre os detentos, permitindo assim articulações que poderiam facilitar-lhes a saída dos cárceres ou, no pior dos casos, dar-lhes um prejuízo muito maior caso fossem descobertos passando a ter um destino ainda mais trágico.

Capital Erótico

O conceito de Capital Erótico (CE) é bastante atual e complementa as categorias de capacidades sociais descritas pelo sociólogo Pierre Bourdieu como foi explanado acima os três tipos de capitais. Elaborado em 2010, pela cientista social britânica Catherine Hakim possui



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

numerosos trabalhos de prestígio internacional e acadêmico com temáticas relacionadas ao mercado de trabalho, emprego das mulheres, discriminação social, empreendedorismo e entre outros estudos (PEREIRA, SANTOS, 2013, p. 21-34).

Para Hakim o capital erótico seria um atributo complementar aos que foram propostos por Bourdieu e embora socialmente percebidos ainda não houvessem sido identificado conceitualmente pela sociedade acadêmica (HAKIM, 2012). Sendo um termo com diversas características e compreendendo vários atributos que geram alguma atratividade erótica nas demais pessoas. Hakim define o Capital Erótico como uma combinação.

O Capital erótico seria uma combinação de peculiaridades inatas e habilidades que podem ser apreendidas e desenvolvidas ao longo da vida pessoal. Estando de certa forma ao alcance de todos e o fato de ter uma pequena parcela de seus traços como inatos é que o identificaria como o único atributo que não pode ser monopolizado pelas camadas superiores (Hakim, 2012, p. 27). O econômico, o social e o cultural podem ser capitalizados, mas o erótico foge ao controle das classes mais favorecidas e por conta disso, segundo a autora, há uma inclinação para que ele seja desprezado e vilipendiado sob a forma dos mais variados estigmas (IBIDEM).

Abaixo segue uma explicação pormenorizada de cada um dos atributos eróticos aqui tratados. São seis atributos que segundo Hakim são universais e apenas um que pode variar sua existência dependendo da sociedade.

1. Beleza

A autora relata que embora os gostos pessoais possam modificar-se de acordo com o tempo ou até mesmo a cultura na qual se está inserida. Demonstra em seus apêndices pesquisas que validam uma zona de concordância intercultural levando-se em conta as relações cintura-quadril (RCQ) e o Índice de Massa Corpórea (IMC) para o corpo e simetria, tom de pele e convencionalidade para o semblante (Hakim, 2012, P.18-19). Tudo isso corrobora para que variações culturais não impeçam avaliações objetivas acerca da beleza. A beleza extrema também é igualmente rara, e segundo a autora, universalmente valorizada, visto o seu apelo global (Ibidem, P.17). Ainda no tocante a beleza e mais profundo que Hakim aparecem os



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

psicólogos evolutivos⁶ Alan Miller e Satoshi Kanazawa (2007), apesar do nome ambos são americanos. Segundo estes a beleza jamais seria subjetiva uma vez que:

Um dos primeiros estudos no campo, realizado em meados da década de 1980, pesquisou mais de dez mil pessoas de 37 culturas diferentes em todo o mundo e o objetivo era saber o que buscavam no companheiro ideal. Para surpresa de todos (com exceção dos psicólogos evolucionistas), o estudo mostrou que independentemente de cultura, idioma, religião, raça ou localização geográfica, os homens queriam a mesma coisa das mulheres, e as mulheres queriam as mesmas coisas dos homens (mas diferentes do que os homens queriam das mulheres). (Miller & Kanazawa, 2007, P. 51).

No livro Miller e Kanazawa elencam seis atributos de beleza feminina: juventude, cintura fina, busto grande, cabelos compridos, cabelos loiros e olhos azuis. Havendo a lógica evolucionista por trás de cada um desses itens, uma vez que durante grande parte da presença do homem sobre a terra, este tinha que definir a olho nu a capacidade de reprodução da mulher. Uma mulher com busto grande e quadril mais largo que a cintura seria vista como uma mulher fértil e por isso detentora de beleza. Pois, homens e mulheres são atraídos por indicadores de saúde (Miller & Kanazawa, 2007). A questão é que quanto mais saudável for um pretendente mais desejável ele será. A beleza segue os indicadores de saúde tanto para homens quanto para mulheres.

Outro pesquisador que vem colaborar com essa posição é o Gilberto Freyre (2006, p.71) ao relatar os embaixadores da República de Veneza notaram que em Portugal algumas mulheres tingiam o cabelo de loiro e as espanholas colocavam produtos para deixar o rosto mais alvo⁷. Tais recursos já eram usados pelas mulheres ibéricas no século XVI, enquanto acontecia o Renascimento italiano. Era uma época na qual não havia mídia de grande alcance e nesse ponto devemos dar crédito a Pereira & Santos (2013) ao dizer que os meios de comunicação não criam padrões de beleza e sim os instrumentaliza para fins comerciais.

Miller & Kanazawa (2007 p.59-60) explicam que o cabelo loiro, assim como o cabelo comprido feminino, é indicador preciso de idade e conseqüentemente do valor reprodutivo da mulher. Quanto mais bem tratado o cabelo feminino maior a sua propensão à saúde. Mesmo

⁶ A psicologia evolutiva surge quando sociólogos americanos se deparam com fatores interculturais ao estudar o comportamento sexual. Voltaram-se assim para a psicologia evolutiva (2007).



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

hoje com os produtos da indústria de cosméticos escondendo a idade, essa característica ainda persiste nos homens. O atributo da Beleza é o que vai dialogar com a psicologia evolutiva. Isso explica porque em culturas mais fechadas o véu seja muito usado, pois o cabelo é um atributo erótico.

Já a pele alva segundo Hakim (2012, p. 264) seria uma preferência universal, estando presente em todas as culturas inclusive na China e Tailândia, onde o colonialismo nunca foi uma questão⁸. Para isso existe a explicação natural de que a pele clara evidenciaria a juventude do indivíduo, ficando mais fácil de identificar manchas ou imperfeições. E existiria uma explicação social que consistiria na ideia de que pessoas de pele clara não teriam trabalhos em locais abertos, expostos as intempéries da natureza e por isso demonstrando além da juventude um padrão social mais elevado. De qualquer forma, seja pela questão natural ou pela questão social Freyre (2006) deixa claro que na Espanha a pele alva era muito valorizada eroticamente. Destaca também que no caso português mesmo as mulheres tendo se esforçado para deixarem seus cabelos loiros, o ideal de beleza feminina continuou sendo a mulher morena de aparência mourisca, detentora de um encanto místico-sexual. Resultado da herança Moura no ideário de beleza do povo português em geral, essa herança não atingiu com tanta força a nobreza, onde as mulheres procuravam pintar os cabelos e embranquecer o rosto (Freyre, 2006, p.72).

Muito mais que uma pele morena, a “moura encantada” estava eivada de atributos atraentes no imaginário erótico português. A capitalização de seu erotismo em Portugal passava pelo segundo item do Capital Erótico: a atratividade sexual. Residindo na maneira como era idealizado o comportamento da Moura, sempre pelo lusitano com sensualidade. A própria Hakim (2006) fala da dimensão cultural do conceito de atratividade e o imaginário da Moura permite uma observação clara de que o Capital Erótico é um conjunto de atributos onde se entrelaçam o fisiológico e o cultural. Esse e outros componentes podem explicar o motivo dessa maior capitalização erótica da mulher morena em Portugal, inclusive seria um tema importante

⁸ Temos aqui uma constatação que não deve ser mal compreendida pelo leitor. Apenas observaram uma característica de forma isolada, a característica da cor da pele deve ser levada em consideração da mesma forma da capitalização erótica da altura. Um estudo poderá concluir que indivíduos mais altos são também mais atraentes, mas isso não significa dizer que toda pessoa alta seja mais atraente que uma de baixa estatura. Terá que ser analisado isso juntamente com outros atributos do Capital Erótico. Pesquisas também se baseiam em generalizações, e estas são importantes para o conhecimento. Entretanto, é necessário se ter o cuidado de não fazer julgamentos de valor sobre as generalizações e averiguar se é aplicável a casos individuais. Sabemos que os cristãos-novos eram judaizantes, mas essa generalização não se aplica a todos os casos. Ambos os casos merecem ser analisados cuidadosamente e a micro-história bem demonstra que um caso considerado atípico é capaz de revelar muito sobre determinada sociedade.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

para pesquisa. Seria necessário ter mais informações sobre a beleza da mulher Moura, mas como não disponho de documentos que me tragam esses detalhes limitar-me-ei às explicações Freyre me permite em seu livro *Casa Grande e Senzala* (2006).

Alguns conceitos usados por Hakim dialogam com a Psicologia Evolutiva. A Psicologia Evolutiva visa entender como a evolução da espécie afetou e ainda afeta o cérebro humano. Por isso que existem atributos e comportamentos sexuais que foram adquiridos e gravados na mente humana pelos chamados mecanismos psicológicos adquiridos ou adaptações psicológicas (Miller & Kanazawa, 2007, P. 23). Chama à atenção na Psicologia Evolutiva o número cada vez maior de pesquisadores que fazem referência a esse campo do conhecimento nas ciências sociais. Penso que não demorará muito para o campo da história também importar amplamente alguns dos seus conceitos.

2. Atratividade sexual:

A atratividade sexual que pode ser bem diferente da beleza clássica. O *Sex Appeal* estaria ligado à ideia de um corpo sensual dependendo também da personalidade e do estilo de cada pessoa. Junto com os adjetivos de masculinidade ou feminilidade expondo a maneira como alguém se comporta, se movimenta ou fala (Hakim, 2012, P.19).

3. Sociabilidade ou charme:

Capacidade de interação. Interagir com pessoas e ter a capacidade de deixá-las confortáveis. Muitas vezes esse terceiro atributo pode ser relacionado com o carisma que determinada pessoa possui (Ibidem, P.20).

4. Dinamismo:

Refere-se à associação de boa forma física, energia social e bom humor. Reportam-se principalmente as atividades como esportes e danças e são elementos amplamente valorizados pela sociedade (Ibidem).

5. Apresentação social:



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Esse é fácil de ser definido. Pode ser observado pelo estilo de se vestir, pela maquiagem, joias, perfumes ou outros adornos, cortes de cabelo ou outros acessórios que as pessoas carregam para informar seu valor social ao mundo, ou seja, o seu status (Ibidem). Vestir-se e adornar-se para parecer mais atraente é um velho costume das pessoas em inúmeras sociedades e culturas.

6. Sexualidade:

Energia, competência sexual, imaginação erótica, diversão e tudo mais que compõe um bom amante (Ibidem, P.21).

7. Fertilidade.

Esse atributo é o único que não é intercultural. Em algumas culturas as mulheres são consideradas mais atraentes pelos belos filhos que apresentam ou pelo simples fato de estarem grávidas (IBIDEM).

Esses seis primeiros atributos acima compõem o capital erótico segundo Catherine Hakim. A obra de Hakim apesar de apresentar conceitos originais e totalmente inéditos, vale-se também de uma ampla revisão bibliográfica das mais variadas pesquisas desenvolvidas na área. A autora compila as pesquisas de outros estudiosos no assunto para sustentar seus apontamentos, sendo o Capital Erótico um conjunto.

Hakim atribui seis características como presentes em todos os povos de forma intercultural, que se modificam na forma, mas não na sua essência. Isso lembra muito o antropólogo Marvin Harris quando este diz que as culturas se parecem em um nível profundo e no nível superficial são totalmente diferentes. Parte do materialismo para dizer que as culturas apresentam um padrão universal (HARRIS, 1975, p.7-8). Entretanto, antes de Harris, o psicólogo suíço Carl Jung havia apontado na mesma direção ao estudar o inconsciente humano. Segundo Jung (2000) os arquétipos repetem-se em todas as culturas por serem imagens primordiais gravadas na mente humana, provavelmente herdadas geneticamente ao longo das



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

gerações da nossa espécie. E o próprio Bierlein (2003) no Livro Mitos paralelos notou que muitos das imagens míticas repetem-se. Em toda tradição mitológica iremos encontrar a figura de um Rei, a figura do guerreiro, do mago e por vezes do amante. Jung fala do arquétipo presente da Deusa mãe e do Deus Pai. Essa volta enorme pela antropologia e pela psicologia é dada para destacar o fato de que Catherine Hakim não está de forma alguma sozinha ao dizer que existem atributos interculturais, outros pesquisadores já apontam para isso.

Porém, é necessário esclarecer que isso não significa que os estudos que têm como a base a cultura sejam de alguma forma, relegados ao esquecimento. Temos muitas vezes o costume de opor aquilo que é natureza e aquilo que é cultural. Os próprios antropólogos como Geertz (1966) e Laraia (1986) os seres humanos são aptos geneticamente para receberem o ensinamento cultural. Mas o indivíduo não nasce sendo uma tábula rasa, já que existem programações arquetípicas formadas⁹.

Os grupos humanos possuem diferenças culturais significativas e que podem ser estudadas pelas ciências humanas. O problema é que também não podemos cair no erro de achar de que as diferenças são somente culturais, algumas vezes possuímos diferenças mais profundas. Devemos evitar tanto o determinismo cultural, chamado por (Miller & Kanazawa, 2007) de determinismo ambientalista e também evitar o determinismo biológico. Hoje, os pesquisadores estão buscando uma posição mais sensata e equilibrada quanto a isso. Inclusive o linguista Noam Chomsky ao escrever sobre a estrutura profunda da língua fala da predisposição biológica que os seres humanos têm de aprender um idioma.

⁹ Para que esse assunto não se alongue devo citar que ao estudar psicologia evolutiva ou alguns conceitos das ciências sociais tem que se ter o cuidado para não cair em duas falácias muito conhecidas. A primeira seria a falácia naturalista se traduz na tendência de acreditar que tudo aquilo que é natural é bom (HUME, 1763). É o que deve ser. Como exemplo, posso dar o argumento de que matar um animal da mesma espécie é algo natural, pois, ocorre no mundo animal e nas sociedades humanas. Isso seria bom. Cair nessa falácia é o mesmo que acreditar que a natureza possui uma moral humana. A moral é socialmente construída e não possui eco na natureza. O que é bom ou que é ruim são julgamentos humanos, a natureza pensa a nível de sobrevivência e reprodução. Já a falácia moralista é uma velha conhecida dos historiadores. Já estamos familiarizados com esta. Seria em nome de uma moral negar o que é natural, ou aquilo que foi evidenciado em pesquisa. Como exemplo seria o mesmo de achar a guerra algo horrendo (e moralmente falando é horrendo) e dizer que a agressividade humana não é natural ou que o assassinato não é um fator natural (Miller & Kanazawa, 2007, P. 15-16). Não discuto aqui questões morais, questões daquilo que “deve ser”. Me limitarei em todo o trabalho a tratar com aquilo “que é”. A solução de um problema social perpassa primeiramente pelo conhecimento histórico profundo sobre o problema e por isso deixarei as questões morais de lado. Para não cometer anacronismos tão absurdos para o historiador. Separar a moral da pesquisa não é somente um dever do historiador, mas também de antropólogos, sociólogos, psicólogos e etc.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

É clarividente que vamos ater-nos a dimensão cultural do erotismo, a maneira como ele é estruturado dentro do meio criptojudeu. Entretanto, um conceito nascente de uma pesquisa visa unir o cultural ao natural não deve por isso ser ignorado.

O Cro e o Capital Erótico dos cristãos-novos

A partir daqui começamos a adentrar no capital erótico, podemos ver que o *Cro*, além do seu significado religioso, era utilizado como um dos meios para capitalizar erotismo dentre os seus participantes. Veremos alguns atributos encontrados no capital erótico que podem muito servir para analisar a maneira como o *Cro* servia para os relacionamentos amorosos dentre os cristãos-novos judaizantes.

Começemos então pelo atributo erótico do Dinamismo. Como foi definida acima refere-se à associação de boa forma física, energia social e bom humor. O dinamismo é uma das formas de uma pessoa demonstrar o vigor de sua boa forma física, de ser percebido pelos outros como um indivíduo capaz e saudável. Temos indícios de que o *Cro* denota também esse dinamismo. Muitas são as referências que aparecem no processo de que o *Cro* é algo que revela o vigor de um indivíduo, aludindo a sua capacidade de ter uma boa forma física para realiza-lo. Não faltam referências a isso, pois o processo é preenchido com citações como: “*muy lindo oficial do Cro*”¹⁰. E ser um lindo oficial do *Cro* significava que fazia o ritual muito bem e que era estimado pela matriarca Leonor Nuñez e pelos demais da comunidade. Revelando inúmeras vezes no processo e sendo repetido de forma até mesmo exaustiva as palavras daqueles que faziam o *Cro* com grande perfeição, o título de lindo oficial poderia ser dado tanto a homens quanto a mulheres que demonstrassem essa disposição durante o ritual. Pode-se dizer que o *Cro* seria o equivalente a demonstrar habilidades sociais que certificam uma boa forma física, tais como a dança em muitas sociedades.

Nos cárceres vemos as seguintes palavras acerca de um amigo do marido de Ana Gomez, filha de Leonor: “*Y decia q era muy pontual em hazer el Cro y ló hacia muy bien. Y que no ignorava nada.*”¹¹ Praticamente tais palavras repetem-se em todo o processo sobre os homens e mulheres que executam bem o *Cro*. Trata-se de uma habilidade que deixava o seu participante muito bem afamado no seio da comunidade criptojudáica da Nova Espanha.

¹⁰ Archivo General de la Nación, Cidade do México. Inquisición, vol. 423, exp. 3, *Dez cadernos de comunicações de prisão*. ff. 221-583r.

¹¹ AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 394r.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Mediante tudo isso devemos salientar que o *Cro* fazia parte de uma interação social bastante ativa dentro da comunidade de seus praticantes. As festas e as comemorações eram costume amplo entre os seus participantes. O *Cro* podia ser feito entre casais, com ou sem a presença de outras pessoas e os casais poderiam ser pessoas casadas ou solteiras. Mas interessante observar que há dentro do ritual uma sociabilidade, era uma das formas de interagir com pessoas para saber se eram bons amantes. O fato de o Ritual ser muitas vezes praticado à vista de outras pessoas não nos deve causar estranhamento, pois, ter relações sexuais a vista de outras pessoas não é uma característica somente do meio cristão-novo. Devemos levar em consideração que ter relações sexuais com outros indivíduos presenciando era algo comum na Idade Moderna, inclusive na América Portuguesa como bem atesta a historiadora Leila Algranti que fala que:

a distinção clássica entre o público e o privado não se aplica à vida colonial antes do final do século XVIII e início do XIX e, ainda assim, só de forma muito tênue, pois o privado assume conotações distintas daquelas adequadas à nossa sociedade atual. (ALGRANTI, 1997, P. 89)

Não existe uma definição clara entre o público e o privado tal divisão somente se fará sentir tempos depois na Europa, e depois no mundo ocidental. Ronaldo Vainfas é ainda mais enfático na questão das intimidades:

Não resta dúvida de que, assim sendo, o território da sexualidade era bem menos privado do que se poderia supor, distanciando-se largamente dos padrões que se supõem vigentes nos dias de hoje. (...) ver-se-a que até os gemidos dos amantes ardorosos não raro podiam ser escutados por ouvidos indiscretos, sem contar os encontros amorosos, as mancebias, pois todos sabiam “quem andava com quem” para usar a expressão coeva. (Vainfas, 1997, P. 227-8)

Por tanto, não é espantoso que o *Cro* fosse realizado de maneira que os demais estivessem presentes e fossem testemunhas das relações sexuais que ali ocorriam. Nas palavras dos próprios participantes temos:



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Y luego dixo Gonçalo que Luis Perez Nuñez era mui querido de Las Blancas y de todo ellinaje de Dona Juana que no hubo junta para hacer el Cro. Adonde no se halla se y que de ay conocio a Belica mi prima y fue sus amores secretamente.¹²
(AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 411r.)

“As Brancas” citadas acima refere-se as primas de Leonor, e, portanto, faziam parte do seu meio familiar. Podemos reparar em duas coisas nesse pequeno trecho. Que o Cro era feito entre muitas pessoas e que mais uma vez fica evidente que laços amorosos se formavam no Cro, embora o caso citado acima não tenha resultado em casamento. Mas podemos ver a partir de então que se formavam laços amorosos e que assim como a Igreja era espaço de sociabilidade para a maioria da população católica, podemos perceber que para a comunidade de cristãos-novos esses rituais consistiam também em espaços de socialização e por tanto de interação social dinâmica.

Outro ponto que podemos tocar seria o da beleza. Uma vez que nos documentos e na obra de Nathan Wachtel (2002) percebe-se que alguns participantes destacavam-se pela sua beleza. Há exemplo disso temos Sebastian Riveros, Cristão-novo judaizante de origem portuguesa que tem sucesso em se passar por cristão-velho e que é chamado de “lindo”, sucessivas vezes, durante o processo¹³. O apelo ao belo, à aparência encantadora é algo continuamente acentuado durante o processo.

Conclusão

A sexualidade dos cristãos-novos necessita de maior aprofundamento por conta da sua variedade existente nas fontes. Porém, com esse trabalho creio que começamos a dar os primeiros passos para delinear algumas características principais de sua conduta erótica. Os cristão-novos desenvolveram maneiras de valorizar o seu capital erótico dentro da sua religiosidade. Demonstrando uma forma alternativa de significação da sua moral sexual, e por meio disso, condenável aos olhos da Inquisição. Fazendo uso de uma tendência mística prescritiva criaram uma forma de erotismo totalmente discordante do mundo cristão a sua volta.

¹² "E então Gonçalo disse que Luis Perez Nuñez era muito querido pelas Blancas e Dona Juana ensinaste tudo o que havia para fazer o Cro. Quando não se acha se e que daí conheceu a Belica minha prima e era seu amor secretamente." Tradução do autor. (AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 411r.)

¹³ Archivo General de la Nación, Cidade do México. Inquisición, vol. 423, exp. 3, *Dez cadernos de comunicações de prisão*. ff. 221-583r.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Analisamos o cristão-novo e como todos esses fenômenos ajudaram a compor o capital erótico daqueles que eram considerados hereges criptojudéus. Não pretendo com o ritual do Cro observar toda a sexualidade cristã-nova. Como vimos nos exemplos do capítulo anterior essa sexualidade tinha muitas nuances por todo o mundo ibero-americano, tornando impossível ver de um exemplo particular todas as práticas cristãs-novas. O que o Cro permite é observar esse “algo” da sexualidade criptojudáica que envolve o ritual. A micro-história concede-nos a vista acurada sobre o ritual do Cro e permite-nos observar aquilo que de outro modo ser-nos-ia impossível investigar. Dentre os frutos extraídos dessas observações vemos uma comunicação muito profícua com aquilo que se chama de Capital Erótico.

REFERÊNCIAS

Fontes Testemunhais

Archivo General de la Nación, Cidade do México.

Inquisición, vol. 423, exp. 3, *Dez cadernos de comunicações de prisão*. ff. 221-583r. AGN, Inquisición, vol. 379, exp. 1.

EYMERICH, Nicolau. **Manual dos Inquisidores**. Comentários de Francisco de La Pena. Tradução de Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

Bibliografia

ALBERRO, Solange. *Inquisicion y Sociedad em Mexico: 1571 – 1700*. México: FCE, 1988.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Família e vida doméstica*. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.); Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 V. 1.

ASSIS, Angelo Adriano Faria de. **Macabeias da Colônia: Criptojudaísmo feminino na Bahia**. São Paulo: Alameda, 2012.

BARNADAS, Josep M. **A Igreja Católica na América Espanhola Colonial**. In: BETHELL, Leslie. História da América Latina: América Latina Colonial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004

BIERLEIN, J. F. **Mitos Paralelos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia rural.** 51ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2006.

GEERTZ, Clifford. “**A transição para a humanidade**”, in: Sol Tax (Org.), *Panorama da antropologia.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

GINZBURG, Carlo. “**O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações**” in *A micro-história e outros ensaios.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

_____. “**Provas e possibilidades à margem ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zamon Davis**”. In: GINZBURG, Carlos; CASTELNUEVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios.* Lisboa: DIFEL, 1989. p, 179-202.

_____. **O queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAKIM, Catherine. **Capital Erótico.** Trad. Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Business, 2012.

HARRIS, Marvin. 1975. **Vacas, cerdos, guerras y brujas. Los enigmas de la cultura.** Madrid: Alianza Editorial, 1975.

JUNG, Carl Gustav, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo;** Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MILLER, A.S.; KANAZAWA, S. **Por que homens jogam & Mulheres compram sapatos.** Rio de Janeiro: Editora Prestígio, 2007.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição.** 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

PEREIRA, Lorena Andressa Rodrigues; SANTOS, Giuliana Elisa dos. **Capital Erótico no Ambiente Organizacional: A sua influência no processo seletivo e na empregabilidade.** In: *Revista de Ciências Gerenciais.* v.17. n. 26. p. 21-34, 2013.

SILVA, Marco Antônio Nunes da **O Brasil holandês nos cadernos do Promotor: inquisição de Lisboa, século XVII.** / Marco Antônio Nunes da Silva. — São Paulo:



ANAIS ELETRÔNICOS

2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS

CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

USP 2003. 393 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo; São Paulo, 2003.

SILVA, Marcos. **Cristãos-Novos no Nordeste: Entre a Assimilação e o Retorno**. São Cristóvão, Editora UFS, 2012.

VAINFAS, Ronaldo; **Moralidades Basílicas**: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.); *Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 1..

WACHTEL, Nathan. **A Fé da Lembrança: Labirintos Marranos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.